

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

MODAS



Da mais recommendavel das modas apresenta o *Moniteur de la Mode*, com tanta precisão e clareza, com tanta verdade e razão, um dos seus recentes artigos, que, desde que o acabei de ler, para logo formei tenção, querida leitora, de vos repetir as suas mesmas palavras, servindo-me dellas para o assumpto especial deste meu artigo.

O *Moniteur de la Mode* nesse artigo trata das joias de cabello — *bijoux en cheveux*.

Diz elle. « E' altamente distincto, nobre, expressivo, sempre no tom da moda mais caprichosa, e finalmente é o mais duradouro signal da amizade e da gratidão — uma joia de cabello.

« Uma pulseira, um anel, um alfinete, um cordão, ou uma medalha de cabellos da pessoa a quem nós mais amamos, mais respeitamos, ou de quem verdadeiros, sinceros favores, temos recebido: — é uma joia de valor.

« Este signal de gratidão devotada, de uma antiga e pura amizade ou de um amor sacrosanto, bem seguramente, faz o timbre da alma nobre e do coração sincero.

« Não possuis vós, entre as preciosidades do vosso cofre de joias um destes lindos objectos, de tão alta significação, de tanto valor á perpétua lembrança de uma amiga constante; de uma terna

mãe que vos adorou extremosamente; de uma filha que faz as delicias da vossa vida; de um pai carinhoso; de um esposo, verdadeiro amigo e amante? Oh! por certo que sim: lá está, lá diviso no vosso mimoso braço um delicado bracelete engastado em luseses fechos de ouro polido: — são os cabellos da vossa terna mãe.

« Quereis uma nova e encantadora fôrma á essas vossas joias que tanto prezais? Convidamo-vos que visiteis a Joalheiria de Lemonnier e C.^a Ah! vereis a delicadeza e perfeição á que estes interpretes do bom gosto têm feito chegar as joias de cabellos: o pai, o filho, a esposa, a irmã, os amigos, os amantes, a viuva, o orfão, todos, todos, lá encontrarão um objecto delicado, especial, que estará justamente em relação aos seus desejos e pensamentos. Lemonnier tem prevenido todas as situações do coração humano, e para cada uma dellas preparou uma joia, á cuja belleza e propriedade não se pôde resistir, sem o desejo de possuil-a immediatamente.»

Isto é em Pariz, querida leitora, onde todo o mundo elegante capricha em possuir uma joia de cabello; onde em geral, não ha senhora pobre ou rica, que não tenha, que não guarde junto ao peito, ou bem no fundo do seu estimado cofre-

sinho, a medalha que encerra os cabellos da prenda adorada da mais viva amizade; onde finalmente esta joia tornou-se moda constante desde o subdito até ao soberano.

Quereis verificar melhor esta verdade? Tomai uma qualquer estampa de figurinos, antigos ou modernos, lêde a sua inscripção, esse letreiro que todos elles trazem por baixo, e encontrareis infallivelmente a recommendação feita em favor dos *bijoux en cheveux*.

Mas, no Rio de Janeiro, infelizmente esta moda, por alguns annos, passou desaperebida, ou mesmo já foi despresada, não obstante ser reconhecido o valor que tem uma prenda de cabellos. Hoje, porém, não acontece outro tanto. Os artistas deste genero de trabalho apparecerão, e as obras de cabelo tomarão os mais deliciosos e lindos desenhos, chegando, enfim, a imitar a delicadeza e o gosto das mais perfeitas de Pariz.

Na rua dos Ourives diversas são as casas que se occupão com esmero deste trabalho, e onde centenas de joias diferentes encontram-se já preparadas, e outras muitas feitas em ouro, que só lhes falta receber o cabelo para tornarem-se lindissimas joias. Em uma destas casas vi um magnifico quadro de familia, ricamente moldurado, que sem duvida é digno de toda a attenção. Este quadro, sobre um fundo de chamoete branco, symbolisa os diversos membros da familia em delicadissimos raminhos de flores as mais semelhantes que se podem fazer de cabellos, onde o artista apenas tem o pequeno recurso da limitada differença da cor entre elles para ultimar um desenho tão difficil.

As medalhas, os brincos, e sobretudo as pulseiras elasticas, os cordões, os trancelins e as flores, são trabalhos de subido mefhecimento.

Destas joias porém, aquellas que estão mais em moda em Pariz, são as pulseiras elasticas. Estas pulseiras não têm fechos; prendem-se ao braço por si mesmas; e compõe-se de gomma elastica preparada, coberta de um lindissimo tecido de cabelo, rematado nas pontas por dous engastes de ouro polido, esmaltado ou burilado, os quaes, depois da pulseira fechar-se sobre o braço, vêem encontrar-se ambos, sobrepondo-se no mesmo logar.

Agora, por minha vez, também vos convido, minha querida; ide ver estas joias; sim? mandai fazer também uma pulseira, convidai as vossas amigas que fação o mesmo; e ao mesmo tempo dizei-lhes que não é simplesmente por moda que o devem fazer, mas sim porque estas joias symbolisão o amor e a amizade, esse puro sentimento que Deus não o deu mais profundo que á nós outras.

A moda das joias em cabelo jamais deixará de existir, porque ella symbolisa o amor e a amizade.

Eis como fecha o seu artigo o *Moniteur de la Mode*.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

TOILETTE CAMPESTRE DE MENINA DE QUATORZE ANNOS. — Chapeliuho redondo de palha suissa, forma chinceza, forrado por dentro de

tafetá cor de rosa e guarnecido pela beira com um crespo do mesmo tafetá.

CANEZÓN de mosselina, afogado, abotoado adiante, e todo feito em preguinhas. Uma pequena renda forma o collarinho; as mangas são curtas e de fôfos, terminando por uma refuda larga, franzida e cahida para baixo.

O vestido de baixo é também de mosselina.

A saia de cima é de tafetá verde em xadrez. Esta saia compõe-se de quatro partes, cada uma de tres pannos, sendo todas quatro separadas umas das outras, franzidas em cima sobre uma cintura feita do mesmo tafetá, formando uma especie de cós estreito, e presas apenas de distancia em distancia por seis presilhas em cada abertura, enfeitadas de laços de fita estreita de veludo verde de pontas cahidas: o primeiro laço é mui pequeno e simples, depois vão os outros se augmentando gradualmente em laços dobrados de duas pontas, de tres pontas, e os ultimos de baixo de quatro pontas cahidas. A saia está presa por dous vizes cruzados, os quaes ao mesmo tempo enfeitão graciosamente o corpinho. Estes vizes prendem-se na cintura da saia de cima, e principião mui estreitos, cruzão-se, e depois vão alargando um pouco até ás espaldas, onde se desenvolve um laço dobrado de fita de veludo verde com tres pontas cahidas.

Luvás de pellica cor de canario, e braceletes de veluto preto.

OUTRO TOILETTE. — Chapéo composto de tafetá, renda de palha e de crina, flores, blondes e fita de gaze. Por dentro é enfeitado ao lado direito com pequenas rosas entremeiadas de fita de blonde, e ao lado esquerdo ostenta-se sómente uma bella rosa Alberto.

Mantelete-berthe, decotado, bordado de seda preta e guarnecido de renda preta larga.

Vestido de barege cor de cinza, guarnecido de fita de tafetá: o corpinho afogado, liso, de cintura redonda: mangas compridas de punho fechado em fôfo. A saia ornada de tres largos volantes guarnecidos pelas beiras de fita de setim da mesma cor.

Cattete, 25 de Setembro.

Christina.

ROMANCE.

UM AMOR DE MULHER.

(Continuado do n. 38.)

IV.

Era um domingo: os nossos estudantes tinham acabado de jantar, e tomavão café sentados á porta da rua.

Cheguei, tomei a minha cadeira, e comeci a ouvir a conversação. Apreciador da prosa esco-

lastica, era uma tarde que ia passar a rir-me, principalmente porque esse domingo era o dia seguinte ao de um baile — primeira partida do *Recreio Academico* que teve logar no dia 18 de Junho de 1855.

« Como ia dizendo — principiou o romancista: depois da minha chegada, quando ella acabou de valsar, disse-lhe com o ar mais serio do mundo: « V. Ex. valsou muito bem! » Creio que todos vocês concordarão que, pelo menos na apparencia, era uma fineza que eu rendia-lhe; o que havia a estordia de responder-mé?! Não pasmem; mas foi, nem mais nem menos, uma careta. E que careta de idiota! pôz a lingua de fóra, e fez — *am-am!* »

Uma gargalhada geral interrompeu o orador.

« Não acredito, não acredito, disse o P... riundo-se a bandeiras despregadas; nem que me enforquem, — estou sceptico.

« Palavra de honra — continuou o romancista: o caso é que fiquei com cara d'asno, e levado não sei porque, segui-a até ao botequim — onde o seu cavalheiro perguntou-lhe se queria marrasquino—rosa—amendoa—ou cereja. Assim como aquelle ministro de Frederico II da Prussia que perguntando-lhe o rei — quem era maior general, se Scipião ou Annibal, elle respondera — Henrique IV —, assim a joven Paulista, fugindo da questão, respondeu — que queria um copinho de Genebra.

« Por fallares em Genebra, disse o sceptico de ha pouco, vou-lhes contar uma que não deixa de ter sua graça.

« Perguntava hontem ao meu par da quarta quadrilha, já cansado de puxar conversa, e para ver se ella comprehendia a ironia:

— O que prefere e o que mais estima V. Ex., o espirito que possui ou a sua belleza? Ella respondeu-me com toda a ingenuidade — Em casa do meu papa ha só Genebra; mas o espirito que eu prefiro é o leite-creme.

« Isso é mentira! — exclamarão todos — fóra o petalógico!

« Não é péta — disse o estudante; admira-me como vocês não acreditão nesta, quando sabem que o anno passado uma moça, a quem n'um baile se offerecia um copo de orchata, respondera que não aceitava, porque não tomava leite de noite!

« Comtudo — replicarão todos.

« Não me importa que não queirão acreditar; mas escutem mais esta que vai sob segredo. — Hontem, passeando pelo salão, ao passar por um lindo par que conversava, ouvi fallar em Lamartine; parei para escutar a critica litterata; e medi a galante mocinha da cabeça aos pés para ver se tinha diante de mim alguma Stael ou Tastu. Metti-me na conversa; e quasi pedante, se não fesse a intenção de debicar a joven, perguntei-lhe se conhecia — Sir Walter Scott, o autor do *Antiquario*, etc.: respondeu-me de uma maneira que me enfiaria se lhe não lesse no semblante a expressão da candura de sua alma: eis a resposta: « É um gordinho e baixo que dançou commigo a Schottische inda agora? »

Uma gargalhada estrepitosa encolriu as ultimas palavras do estudante. Elle continuou:

« Assevero-lhes com a minha palavra de honra que isto se passou commigo.... Mas voltando á vacca fria — o baile esteve bem bom, comquanto fosse pouco concorrido. As bellas flores do rainhete paulistano não quizerão derramar seus perfumes de Vervenne em nosso salão; nem a peregrina Rosa Fluminense quiz as homenagens dessa noite, de rainha das flores de S. Paulo. Herdeira de Flora — talvez ficasse em seu palacio a recordar-se do seu jardim patrio — d'onde fóra transplantada para beijarem-lhe as pétalas as auras paulistanas.

Comtudo, tivemos uma angelica e uma ca-ame-lia, que ha pouco desabrochadas, recendem ar-mas tão activos que fizeram mal a muitos co-rações.

— Aposto, disse um gaiato, que se houvesse um jardim dessas flores — quizeras ser beija-flor?

— Borboleta que fosse; estava satisfeito; respondeu o interpellado.

— Fóis eu, disse por sua vez o romancista: não queria ser nem beija-flor, nem borboleta, contentava-me com ser o jardineiro: — havia de ser despótico; ninguém colheria uma flor, á excepção do *Degas*.

A conversação foi interrompida por um grupo de estudantes que chegarão — dividirão-se em turnas — depois sumirão-se; e só vim a encontrar-os, já alta noite; naquelle quarto que já descrevi, no momento em que o romancista pronunciava estas palavras:

« CAPITULO IV — que se intitula — O SARAO.

« Fernando continuava a conversar com a Sra. D. Margarida, quando entrou um homem de sobrecasaca preta abotoada e chapéo na mão, que por não se ter annuciado denotava grande intimidade na casa.

« Era o pai de Lucila.

« O Sr. Samuel era um homem alto e magro, que representava cincoenta annos: tinha um rosto severo, e seu cumprimento a Fernando tinha essa seccura de quem está acostumado a ser tratado com respeito.

« Saudou depois a sua senhora como um conde, e deu um beijo na frente de sua filha.

« Sentarão-se todos, e então Fernando entregou a sua carta de ordens.

« O Sr. Samuel recebeu-a com toda polidez; e, depois de a ler, fez mil offerecimentos ao estudante (de quem ha muito era o correspondente) com essa expressão séria e agradável da sinceridade.

« D'ahi a pouco pediu licença para retirar-se, e da porta do gabinete dirigiu estas palavras á sua mulher: — Como o Sr. Fernando fica alguns dias commosco, peço á senhora que mande suas criadas arranjar um dos gabinetes dos hospedes.

« Ficarão outra vez sós; e a mãe de Lucila encetou de novo a conversação.

« É escusado, disse ella, convidal-o para o nosso baile de hoje, visto que fica commosco.

« Sinto, respondeu o estudante, não poder aceitar o convite, não só porque estou de luto pesado, como tambem porque só tenho commigo esta roupa de viagem. Ficarei no gabinete lendo alguma cousa, mesmo para descansar.

« Muito obrigada.... disse Lucila fazendo um

momosinho de queixa: o senhor não quer assistir ao festejo que papai faz no dia de meus annos?! — O que responderias á esse anginho, P...?

— Eu! Deixava que me rogasse mais, respondeu o estudante, e depois, quando a diabinha se mostrasse arrufada, cahia de joelhos aos pés della, prometendo assistir ao sarão, inda que fosse de botas de mineiro com as competentes chilenas.

« Foi quasi o mesmo que Fernando fez, continuou o romancista. Depois de aplainadas as difficuldades, Fernando prometteu (mas sem ser de joelhos) que compareceria á noite.

« E quem podia resistir á supplica daquella meninal!

« Ella ficou tão contente com a promessa de Fernando, que correu para o piano para disfarçar o jubilo que lhe corava as faces, e começou a tocar o acompanhamento de uma aria da *Cenerentola*.

« A Sra. D. Margarida levantou-se, desculpando-se que ia dar algumas ordens, e Fernando ficou só no sofá a escutar os sons harmoniosos, que só as mãosinhas de Lucila sabião arrancar assim de seu magnifico piano forte de Erard.

« Pouco a pouco foi deixando cahir a cabeça sobre o peito, e mergulhou-se n'uma profunda meditação.

« Lucila foi entristecendo; passou-lhe pela mente, como laninha de fogo, a idéa de que Fernando não a amava mais. « Depois de uma ausencia tão longa, disse ella consigo, junto de mim... mudo... sem dizer-me ao menos que teve uma saudade... mas não, elle nunca me fez um elogio, e hoje já me fez um; eu é que sou ambiciosa... mas aquella tristeza sempre... e não ter eu um titulo para consolal-o! Será de vaidoso? Será porque elle conhece que eu o amo tanto assim? Não — elle não precisa disso! Mas d'antes elle conversava conmigo — dava-me conselhos; e hoje, o primeiro dia que elle me vê, depois de quatro mezes, não tem nada que me dizer!... »

« Lucila, terminado esse monologo d'alma, ficou pallida, e exhalou um suspiro que revelava uma idéa cahida no coração — como uma faisca ardente levada ao sentimento pelo sopro da reflexão.

« Realmente era um pensamento terrivel para a mulher que ama — era um verme occulto que lhe tinha picado o coração — era o ciúme. Quem sabe, pensou ella, se aquella tristeza de hoje não é saudade de alguma moça que elle deixou?!...

« Mas a reflexão, revolvendo o passado, como o sopro que accendeu a brasa, veio mais forte apagar a labareda.

« Lucila, mais tranquilla, julgou então que elle tinha abaixado a cabeça para melhor apreciar a musica, e isto a fez corar, por ter tocado tudo errado na inquietação em que estava. Mas querendo ella convencer-se se era por isso que elle estava mudo, parou de repente.

« Fernando, se não estava no mundo da lua, dormia, porque ficou na mesma posição; elle, que era tão delicado.

« Foi uma decepção para Lucila. Affligido-se cada vez mais, impacientesinha rompen o silencio com esta pergunta:

— O senhor está tão triste... está com saudades de alguem?

O estudante estremeceu todo, como se tivesse soffrido um choque electrico.

— Saudades! respondeu elle: sinto-as apenas de minha mãe.

— É o que eu não creio, tornou Lucila: é a capa com que se encobrem saudades de alguma moça. Quem sabe se o senhor não deixou alguma de quem se recorda com tanta tristeza...

— Quem sabe... repetiu Fernando. É tão natural que um rapaz tenha saudades de moças, que essa supposição....

— Basta, basta, interrompeu Lucila: eu já sei que o senhor gosta de me fazer chorar.

« E a mocinha levou o seu lenço de cambraia aos olhos, tão lindos, que era impiedade magoal-os.

« Fernando levantou-se, e veio para perto do piano.

« Ella collocou seu lenquinho machucado sobre um livro de musica, abaixou a cabeça, e começou a tocar: — era uma imagem de jaspe symbolizando uma queixa sentida, com todo o encanto de uma virgem de quinze annos.

« O estudante sorriu tristemente, e lembrou a Lucila que elle estava olhando para as suas mãosinhas a deslizar-se pelo teclado, cousa que ella nunca consentia.

« Muitas vezes ella estava ao piano; e, se Fernando aproximava-se, escondia as mãosinhas debaixo de sua *visite*.

« Foi pois para distrahir-a que o estudante lembrou-lhe esta circumstancia; mas ella dessa vez não se importou, e disse-lhe transtornando o piano de Fernando:

— Assim é que se paga: eu não fui a um só baile durante a tua ausencia; cantava apenas nos dias de lição; não chegava nunca á janella; quando havia reunião em casa; só para não dançar, levava toda noite a tocar quadrilhas e valsas, — e assim mesmo, no mesmo dia em que chegou....

« E a mocinha começou de novo a chorar.

« Para que Lucila fosse tão franca, era mister que aquella menina, tão orgulhosa que desprezava o mundo, amasse Fernando loucamente — mais do que a seu pai — que a sua mãe — que mesmo a Deus. — Era elle seu primeiro amor — e foi o seu derradeiro e unico affecto.

« Coitadinha! foi uma paixão que envenenou-a, que enlouqueceu-a, que matou-a; que lhe deu um e um tumulo, que lhe deu uma grinalda de noiva — e a candida mortalha da virgem.

« Fernando, vendo-a chorar, não pôde impedir que seu coração se compungisse; elle não podia vel-a soffrer, que não soffresse mais do que ella. E entretanto elle devia algum dia dizer a verdade mais dura para aquelle coração apaixonado! Devia ser mesmo o algoz e o condemnado, como se fosse desses criminosos de cem crimes, d'onde se escolhem os carrascos — elle que só tinha uma falta — erro da infancia.

« Afflicto por vel-a soffrer, disse-lhe com a voz commovida:

— Hoje, que deve ser a mais bella e a mais

jovial do seu baile, quer apparecer feia e triste, affligir seu pai, incommodar suas amigas, não agradecer com satisfação os parabens dos convidados?!

— O senhor é a causa — respondeu ella queixosa.

« Fernando fez um esforço sobre si, e disse-lhe rindo-se:

— Fica satisfeita se eu lhe pedir que não valse hoje?

— Fico, fico — disse Lucila; e fixou em Fernando um olhar extenso, muito extenso; um agradecimento tão santo — tão profundo, como se aquellas palavras lhe fossem uma recompensa de um passado de indiferença.

« Quando ella abaixou seus olhos languidos de amor celestial, estava tão satisfeita — palpitante de emoções como a pombinha que se aquece aos raios do sol, depois da tempestade que lhe enregelou as candidas azas.

« Batêrão palmas. Ella levantou-se, e voltando-se para Fernando, disse corando, como se temesse recusa.

« Se quizer, eu valso sómente com o senhor, e todas as valsas.

« Basta que me dê uma contradança no fim do baile, respondeu o estudante.

« O semblante de Lucila exprimiu um arrufo, e disse, hatendo com o péssimo no assoalho, como uma criança caprichosa:

« Se não dançar commigo a primeira quadrilha, não danço nenhuma com ninguem.

« Nesse mesmo instante entrou na sala uma moçinha; e uma avistando a outra, correrão a encontrar-se de braços abertos; e seguiu-se esse beijo que não se descreve, que só vendo, se pôde avaliar a graça com que as moças o dão — tão felicicias — tão engraçadas — tão travessas como dous beija-flores a beijarem-se.

— *Faz aqua na boca*, disse um dos ouvintes. O romancista proseguiu.

« Era a maior amiga de Lucila; era aquella á quem ella chamava *meu coração*, mas cujo nome era Cecilia.

« Cecilia por seu lado chamava a Lucila *meus segredos*, que aqui para nós — era uma expressão falsa, porque ella *dava um dente* por Fernando — e Lucila não o sabia.

« E' verdade que tambem o estudante ignorava isso.

« As duas amigas dirigirão-se ao piano; e ahi fazião mais barulho — que um viveiro de passaros a cantar e a pular. Interrompião um duetto para cochicharem um segredo: escolherão uma musica, e de repente, atiravão-na para o lado; tocavão valsas a quatro mãos; e tudo isto era entremeiado de risadas, tão gostosas e tão longas, que fazião rir a quem estivesse chorando; era um abraço de prazer e da innocencia. Fernando contemplou-as algum tempo; e apezar de seu espirito melancolico, um sorriso lhe vinha ás vezes pousar no semblante pallido — vendo as travessuras dessas duas meninas.

« Se alguém observasse, veria Lucila trocando seu riso de repente por uma lagrima, quando seus olhares á furto encontravão a pallida cabeça de Fernando.

« Elle tinha um olhar tão desmaiado, um sorriso tão triste — a fronte, onde se desenhava um sofrimento concentrado — e além de tudo, suas roupas negras de luto davão-lhe uma sombra de dôr — que aquelle anjo que o amava não podia sorrir diante de sua imagem soffredora.

« Fernando tinha-se dirigido á janella; e Lucila ahi foi encontral-o já mergulhado em suas meditações, e despediu-se delle até o baile.

« O que se passou até a noite são cousas insignificantes, e que todos vocês sabem pouco mais ou menos.

« Mas, enquanto, as moças se vestem e a rapaziada amola os queixos e as pernas para o baile do Sr. Samuel, deixem-me descansar, que já estou com a guela sêcca de tanto fallar.

Houve uma pausa no romance — e os tres estudantes se occuparão de outras cousas.

(*Continia.*)



POESIA.

DOM PEDRO.

Silencio! Dorme, Dom Pedro.
Na tua campa real,
Deixaste tanta saudade
Ao povo que tudo val.
Eras heroe altaneiro;
Mas foi-te a c'róa fatal.

Era captivo o Brasil,
Os seus ferros tu quebraste;
Nas campinas do Ypiranga
INDEPENDENCIA bradaste!
O' Dom Pedro, foste um grande,
Como um astro fulguraste!

Amavas ao Brasileiro,
Como um pai ama seu filho;
Na face do meu paiz
Da vida sopraste o brilho,
E o fizeste todo livre
Das grandezas seguir trilho.

E meus patricios te amavão;
Mas o povo é sempre vario.
Em Roma, com alegria,
Recebeu o fero Mario;
Em Judéa, Jesus Christo
Subiu o agro Calvario.

Ergueu-se um dia raioso,
Por seu rei não mais te quiz;
Tu, calmo, grande, altaneiro,
Nunca dobraste a cerviz;
Cômo heroe abdicaste,
Poupando sangue ao paiz.

Quando vierão dizer-te
Que murmuravão do rei,
Com que valor não disseste
Côm tua palavra — lei:
Farei tudo para o povo,
Por elle nada farei.

E tu podias chorar,
De raiva não, de saudade,
Por deixares nossa terra
Tão plena de magestade,
Nossa terra americana
Toda rica na verdade.

Nossas campinas florentes,
Nossas varzeas prazenteiras,
O gigantesco Amazonas,
Nossas bellas cachoeiras,
As florestas tão formosas
Com suas aves feiticeiras.

E tu podias erguer-te
Bradando, mas não fizeste.
Deixaste livre o paiz,
E delle não te esqueceste.
Combatendo pela filha,
Nas batalhas tu morreste.

Gloria a ti, soldado bravo,
Que a nossa terra adoraste,
Por duas vezes o sangue
Dos Brasileiros poupaste:
Tu foste um pai carinhoso,
Nosso pranto acalentaste.

Deixaste uma orfãa na terra,
De uma mãe era o conforto;
Das saudades que sentia,
Sua filha era o seu porto:
Era a luz pura e virginea
Sobre o Céu de um peito morto!

Amelia — a filha querida,
Na madrugada murchou;
Era um anjo brasileiro,
Que bem longe se finou:
No mundo, só, sem consolo,
Sua mãe triste deixou!

Qu'importa, Deus a tirou;
Não choreis — antes orai.
Ella morreu suspirando,
Deixou na terra um só ai,
Subiu ao Céu — foi dormir
Sobre os louros de seu pai!

Soldado — foste um heroe,
Que vale a c'róa? dizei.
Ella deu-te mil pezares,
Deu-te amarguras, bem sei:
Deus mede c'o mesmo peso
Tanto o plebeu como o rei!

Silencio! Dorme, Dom Pedro.
Na tua campã real,
Deixaste tanta saudade
Ao povo que tudo val;
Eras heroe altaneiro,
Mas foi-te a c'rôa fatal!

Leandro de Castilho.



Sacrificio voluntario entre os Indios.

Quereis saber de um facto, de um exemplo de fanatismo, que parece ser muito ordinario nas Indias, e que seria horroroso entre nós?

Vou referir-vos o que disse um correspondente do Jornal Indiano, *Bengal Harkam*, cujo artigo extrahi de um jornal inglez.

« Descendo pelo Ganges, diz elle, e no momento em que, a 24 de Fevereiro, eu chegava a Misampore, chamou-me a attenção um consideravel ajuntamento de Indios apinhados em um *grauts* (escadas de um cáes), da margem direita do rio.

Os Indios estavam vestidos de diversas côres, e parecião achar-se ali para celebrar alguma festa, verdadeira homenagem feita á superstição, pelo menos assim o julguei, pelo ruido que fazião com os seus cantos e com as suas trombetas. De repente um batel, carregado de homens e mulheres, avançando do cáes para o meio do rio, me recordou as narrações que havia lido, sobre os costumes dos Indios, de se sacrificarem algumas vezes durante a cerimonia da oblução. Perguntei logo ao *manger* (mestre) da minha barca, se tinha conhecimento do que ia fazer aquella gente: a sua resposta confirmou as minhas suspeitas, e me fez saber, que algum desgraçado tinha resolvido pôr termo voluntariamente aos seus dias. Apenas o barco se achou a cousa de cem braças da praia, que de todos os lados se começaram a entoar canticos para celebrar este solenne sacrificio. A victima voluntaria sentou-se á borda do batel, com o rosto voltado para o lado da corrente e com os olhos fitos sobre a agua. Este desgraçado parecia ter tomado alguma bebida narcotica. Junto delle puzerão duas grandes jarras de barro cheias de uma substancia vermelha; atarão-lhe estas jarras, uma de cada lado, um pouco acima da cintura; e lhe dobrarão as pernas atando-lh'as fortemente ás coixas. Pouco depois, os bramines, mestres de cerimonia, dêrão um grito espantoso, que parecia ter alguma cousa de sobre-natural; outros iguaes se repetirão em terra pelos Indios postados no cáes; e logo a desgraçada victima foi

lançada ao rio, onde mergulhou para nunca mais apparecer.

As pessoas que executarão esta deploravel scena, não mostrarão o menor signal de compaixão para com o desgraçado; apenas lhe lançarão algumas flores sobre a agua, e voltarão immediatamente para o cáes; mostrando-se mui satisfeitos do que acabava de acontecer...»

Muito podem os costumes de um povo!

Viscondessa da ...

Contraste entre os costumes europeus e turcos.

Do *Petit Courier des Dames*, extrahimos este artigo, por nos parecer curioso ás nossas leitoras.

« Os Europeus costumão celebrar o lançamento da primeira pedra em um edificio de importancia — Os Turcos celebrão a occasião em que lhe cobrem o tecto.

Entre os Turcos a barba grande é um signal de dignidade — entre nós o é de falta de acieo. Rapar a cabeça entre elles é um costume — entre nós é um castigo.

Nós tiramos as luvas quando estamos diante de pessoas de respeito — elles cobrem as mãos mettendo-as nas mangas.

Nós entramos em uma casa sem chapéo — elles sem sapatos.

Entre elles os homens andão com o pescoço e os braços nus — entre nós só as mulheres é que trazem os braços e o pescoço descobertos.

Entre nós as mulheres vestem de côres brilhantes e os homens de côres escuras — entre elles é justamente o contrario.

Entre nós os homens são os que namorão as mulheres — na Turquia as mulheres são as que namorão os homens.

Na Europa uma senhora não pôde decentemente visitar um homem — na Turquia é isso um costume. Ao contrario ali um homem não pôde visitar uma senhora, e na Europa é isso permittido.

Na Turquia as senhoras calção sempre pantalonas, e os homens em muitas cascos usão saias.

Entre nós o barrete vermelho é o signal da liberdade desregrada — entre elles esse emblema é o chapéo.

Nas nossas casas os tectos são brancos e as paredes de côres — entre elles o tecto é de côres e as paredes são brancas.

Entre nós um amo exige certificado de boa conducta de qualquer criado — entre os Turcos os criados são os que indagaão se seus amos são pessoas capazes.

O Europeu considera o Turco infeliz, por não ter divertimentos publicos — o Turco considera o Europeu miseravel, por procurar outros divertimentos, fóra dos que tem em sua casa.

Quem tal diria!

Alguns honrados cidadãos, encarregados de uma subscrição a favor de certos desgraçados, victimas de um incendio, chegando á porta de uma pequena casa, ouvirão que o seu proprietario ralhava altamente com a criada, porque, depois de ter accendido a luz, havia deitado fóra metade da mecha, que ainda podia servir para outra vez. Ouvindo isto a commissão se persuadiu de que não obterião grande cousa de uma semelhante personagem; porém, para não passarem a casa em claro, baterão, e lhes abriu a porta um homem de idade, o qual, tendo sabido o objecto da commissão, foi ao seu gabinete, e lhe trouxe quarenta moedas de ouro. A commissão ficou pasmada, e não pôde deixar de manifestar a sua admiração a este homem generoso, depois da scena de que pouco antes havia ella sido testemunha. « Senhores, lhes respondeu elle, admirai-vos de bem pouco! Eu gasto e poupo a meu modo, para que uma cousa possa equilibrar a outra. Quem não poupa, não ajunta; e em materia de beneficencia, acreditai-me, haveis de tirar mais do poupado, do que do prodigo. » Terminando estas palavras, fechou-lhes a porta, menos occupado das quarentas moedas que acabava de dar, do que do bocado da mecha que se havia desnecessariamente perdido.

Viscondessa da ...

CHRONICA DA QUINZENA.

Rabelais, este critico mordaz de todas as glorias litterarias de seu tempo, disse uma vez ao terminar a leitura de um máo livro: « *l'auteur s' imagine qu'il fait penser son lecteur, quand il le fait suer.* »

Quem sabe o que não dirá alguma bella leitora antes mesmo de acabar de ler este artigo?... E entretanto mal sabe ella que desta vez, se alguem sua, é de certo o escriptor, que n'um quarto de hora tem de fazer a historia de uma semana, tendo suspensa sobre a cabeça uma espada de Damocles de nova especie — o ponteiro do seu relogio!

Se já se tivesse applicado o vapor á arte de escrever, a cousa não era impossivel! Mas, no estado de atrazo em que ainda se acha a calligraphia, é sem duvida um *coup de force*, do qual me julgo incapaz.

Não ha remedio portanto senão fazermos como os pintores, e historiamos a semana *au vol d'oiseau*, notando apenas os traços os mais salientes dos acontecimentos desses oito dias passados.

O mais proximo é o concerto de M.^{me} Brillani, que teve logar hontem no theatro de S. Francisco.

O local foi máo escolhido: naquella sala estreita, entre umas paredes desbotadas, e sob um tecto enfumaçado, tudo perdia o seu brilho: as luzes não tinham reflexo, as cores vacillavão, e

não se sentia essa ardente fascinação que respiram as moças.

Contudo, talvez por contraste, havia entre as discipulas de M.^{me} Brillani dous vestidinhos brancos que me fizeram perfeitamente comprehender um romance que cantou o Ribas — *Un mese in duo ore.*

Para mim, um sorriso daquella boquinha de rosa, que, quando se entreabre, parece desfolhar um beijo, resumia em um instante de felicidade, não só oito mezes, como oito annos de esperanças.

Sobre a musica do concerto acho mais prudente calar-me. posso dizer alguma cousa que vá offender as minhas leitoras, e que excite contra mim o enfado de alguma linda discipula de M.^{me} Brillani.

Entretanto, por mais prudente que deseje ser, não posso deixar de emitir minha opinião sobre o novo methodo para piano, que, segundo o que pude julgar, me parece de mais difficil execução do que o methodo primitivo.

Dizem-me (não affianço a certeza da noticia) que, á imitação deste methodo *sem torcer os dedos*, pretende a Baderna inventar o de dançar *sem torcer as pernas*, e a Jacobson o de cantar *sem torcer a lingua*.

De maneira que, a continuar a propagação de semelhante methodo, fica o verbo *torcer* completamente banido das artes liberaes, e applicavel unicamente ás artes mecanicas!

Força é porém deixarmos o concerto de M.^{me} Brillani, e, recuando um pouco na semana, irmos apanhar (sempre *au vol d'oiseau*) a ultima representação do *Atila*, que teve logar na terça feira.

Não sei porque esta opera tem merecido tão pouca concorrência. A musica é excellente, e a execução é das melhores que de ha certo tempo a esta parte temos ouvido. Será uma fatalidade que pésa sobre o theatro Provisorio? Ou será talvez da praga de concertos que temos tido ultimamente?

Não sei: o que posso affiançar é que até certos olhinhos pretos, certas estrellas que nunca deixão de brilhar no céu do Provisorio eclipsarão-se. Ha por ahi muito phenomeno, de cuja explicação curiosa, me incumbiria, se não fosse, como-vou arrebatado nesta descripção a vapor.

Já fallei do passado: agora é justo que lancemos um olhar para o futuro.

A Sra. D. Joanna Noronha, tão conhecida de nossas leitoras, pretende fazer seu beneficio no dia 8 do mez de outubro.

Tinhamos muita cousa que dizer sobre a antiga Redactora deste Jornal; era mesmo nosso dever tributar-lhe merecidos elogios. Porém, o que a nossa prosa humilde e rasteira poderia exprimir com sinceridade, está traduzido n'uns versos de M.^{me} Toussaint, versos tão bellos, tão cheios de

poesia, que não é possivel fugirmos á tentação de os reproduzir.

A JOANNA NORONHA.

Joanna pour toi ces vers que ma faible main trace;
Pour toi, dont le talent, prisme aux mille couleurs
Tantôt fier et hardi, tantôt rempli de grâce,
Parle à tous les esprits, répond à tous les cœurs.

Mère, tu sais parler aux cœurs des pauvres mères;
Chacune, en t'écoutant, sent ses yeux se mouiller,
Car chacune comprend ces souffrances amères
Qui torturent l'esprit et le font vaciller.

Poète, tes accents dans les âmes d'élite
Font vibrer un écho; les esprits généreux
Au moindre appel, Joanna, se comprennent bien vite
E sur un mot du cœur se connaissent entr'eux.

Chrétienne, tu voulus nous montrer la puissance
De ce prêtre chrétien, appui du malheureux
Donnant, au nom du Dieu de paix et de clémence,
Le pardon, cette fleur tombée un jour des cieus.

Femme, l'amour aussi s'est glissé sous ta plume,
L'amour, ce tout puissant, ce grand consolateur
Qui vient chez Edouard, aux pensées d'amertume
Mêler, même en prison, des pensées de bonheur.

Ame libre, tu sus flétrir la tyrannie
Et chaque citoyen sent son cœur agité
A ce cri généreux poussé par ton génie
Plus d'esclaves jamais!... vive la liberté.

Salut à toi! ma sœur comme femme et chrétienne
Au nom d'un sexe que tu viens de grandir,
Je te bénis, Joanna! car ta gloire est la sienne
Aux hommes le passé, nous, femmes, l'avenir.

Ce 8 Juin 1853.

Adèle Toussaint.

Talvez que as minhas leitoras, debaixo da impressão agradável, que, sem duvida, lhes causará esta poesia, me perdõem o arrojo de, sem permissoa, occupar-lhes a attenção por alguns minutos. E' bom, porém, que saibão, que a causa de tudo isto, é, em primeiro logar, uma molestia, mal á proposito, e depois a attenção que lhes devemos, e o desejo de não prival-as da sua chronica.

L.

A decifração da charada do n.º 58 é: *Machina*.

Acompanha este n.º 59 uma estampa com figurinos de *toilette* de campo.